

Conselho Nacional da Resistência Maubere - CNRM
Forças Armadas da Libertação Nacional de Timor Leste - FALINTIL

Caro e Respeitado companheiro
e Irmão OTASOIN

Antes de tudo, vãos as minhas cordiais saudações e melhores cumprimentos!

Surpreendeu-me a leitura de uma "carta minha" na 3ª ronda de Diálogo Intra-timorense, realizada na Áustria, no passado mês de Outubro. A minha reacção inicial foi de uma incontida vergonha por não me sentir capaz e a altura das minhas responsabilidades para intervir pessoalmente naquele diálogo e contentar-me com a iniciativa de outros companheiros, como meio para assegurar a minha própria sobrevivência política.

Mas não era apenas vergonha, antes de mais, uma profunda preocupação pois embora fosse profundo reconhecedor das minhas extremas limitações, limitações essas já sobejamente conhecidas por todos porque nunca as escondi a ninguém, nem mesmo ao estrangeiro de visita à nossa Terra, não queria criar mais complicações no plano diplomático, perturbando os esforços dos nossos diplomatas experimentados e, sobretudo, pôr em causa a seriedade das propostas de Paz avançadas pelo CNRM de que sou membro e do qual sempre dei o meu total e incondicional apoio.

Desde aquela altura vim esforçando-me por conhecer ^o companheiro que foi o autor da carta escrita em meu nome e, sobretudo, conhecer o teor da carta. Mas não me foi possível.

Graças a Deus, hoje tenho em minhas mãos a referida carta da qual pude não só conhecer o conteúdo mas também o autor.

Agradeço-lhe imenso pela generosidade de me ter enviado uma fotocópia da carta e agradeço também por ter preocupado em preencher ^{durante por mim} uma lacuna, fruto da minha incapacidade teórica e cultural e da minha inexperiência de direcção. Tudo isso constitui a enorme teia de dificuldades que me envolve continuamente e me embaraça profundamente.

Entretanto, devo dizer-lhe que não posso aceitar o que não é da minha autoria, não posso ^{conferir-me} direito do autor e, sobretudo, não posso aceitar assumir responsabilidades políticas que não sejam da minha autoria.

Lí com muita atenção a cópia da referida mensagem pois queria realmente conhecer objectiva e profundamente o pensamento do autor, a sua correspondência ou não com o pensamento do Comando da Luta (e o Comando da Luta não é o Konis Santana mas é todo o colectivo que o CNRM representa e liderado por Xanana Gusmão), não só mas para ajustarmos as nossas posições e posturas políticas e evitar uma maior descoer- denação de esforços.

Lí e entendi o conteúdo da carta e permita-me que eu lhe exponha os meus pontos de vista a respeito do mesmo. Aceite que eu me diferencie do que foi, em meu entender, o cerne do problema apresentado.

Já o Chico Lopes, este palhaço embaixador itinerante de assassino e ditador Suharto, duvidou de que não era eu o autor real da carta pois o homem pelo menos conhecia ou conhece a linguagem utilizada pelos guerrilheiros e, já aqui mesmo existe a nossa diferença.

A sua linguagem é demasiadamente ligada a Igreja e a palavra de Deus e sou um "funu ngin", não sou nenhum pregador do evangelho muito embora em questão de fé ninguém me possa tirar o direito de ^{Sr} Cristão Católico, apesar de não a praticar já há 22 anos consecutivos.

A referencia a Timor Leste é por si outro motivo para se colocar em dúvida a autoria da carta. Não partilho o Timor Oriental pois penso que não existe em Timor o "muro de ^BBerlin" que separa o Timor ^Oriental do Timor Leste. Na linguagem corrente tenho/temos utilizado o Timor Leste e este nome é já conhecido internacionalmente.

Mas a questão mais séria é a sua proposta de solução para Timor Leste ou "Timor Oriental" para o seu devido gosto, contida no ponto 4 da declaração de princípios no qual o companheiro afirma "rejeitar todo o género e espécie de estatuto de autonomia sob a soberania da Indonésia".

Ora, aqui o nosso pensamento já não se converge a um ponto comum. Realmente nós não lutamos por uma autonomia alargada ou qualquer que seja o tipo de autonomia sob administração, queria dizer, sob o domínio ou soberania indonésia.

O problema de Timor Leste tem uma causa política profunda que o irmão muito sabiamente descreveu. O que está em causa em Timor Leste é o direito internacional, o que está em causa em Timor Leste são os princípios universais, o que está em causa em Timor Leste é o direito fundamental dos povos, o que está em causa é a justiça, a reposição da legalidade internacional violada pela Indonésia, a reposição da justiça

pela implementação da Paz em Timor Leste.

O nosso Povo aceitou e continua aceitando todos os sacrifícios porque deseja ser ele mesmo o senhor do seu próprio destino.

Mas os governantes de Jakarta continuam sendo demasiadamente inflexíveis nas suas absurdas reivindicações e qualquer timorense responsável deve encontrar as meios mais adequados para a realização faseada das aspirações do nosso Povo.

O Comando da Luta tendo em conta as realidades específicas da nossa luta, uma luta extremamente difícil e condenada ao fracasso pelo contínuo internacional à política genocida dos criminosos ocupantes da nossa Pátria, pelo silêncio cúmplice da comunidade internacional que fez com que a opção pela liberdade tivesse como ^{plano} tivesse como preço o genocídio físico e cultural do nosso mártir Povo, apresentou um ^{plano} Paz faseada em três etapas, uma das quais se define como a fase da autonomia.

No esforço de reforçar a dita proposta de solução faseada, o Comando da Luta vem avançando com novas soluções complementares e continuando a oferecer à Indonésia o nosso rumo de oliveira, pela suspensão unilateral das hostilidades por parte da Resistência em troca de algumas condições tais como: a retirada do maior contingente do exército indonésio em Timor Leste ou redução dos efectivos militares indonésios em TL, a libertação dos prisioneiros políticos, o ~~exato~~ respeito pelos direitos humanos, etc, criando as condições básicas para um diálogo mais franco e aberto entre as partes envolvidas no conflito.

Eu próprio sugeri que a solução do problema porturiquenho viesse a servir como um instrumento de trabalho possível de ser adoptado, já que o fim último era o referendun. Queríamos com isso desbloquear o impasse ao que o próprio governo indonésio ~~não~~ aceitou, porque o grande problema é o referendun.

Afinal, até os próprios indonésios percebem melhor as nossas intenções. Dizem que na diplomacia, a política é a arte de ^{saber} mentir, "agradando a gregos e troianos". Pessoalmente não percebo de nada da política diplomática, mas o que se tem passado pelo mundo fora leva-nos a concluir que devemos ser moderados pois a MODERAÇÃO É A ALMA DO DIÁLOGO.

O ponto 4 do capítulo a que me referi atrás da sua carta rebate energicamente os pontos de vista do Comando da Luta e o meu próprio também, dando a entender que eu próprio estivesse a condenar energicamente a minha proposta, como se esta fosse imposta por alguém. Por outro lado, isso só revelaria a inconsistência das minhas posturas, a desonestidade das nossas propostas de Paz e o infantilismo espontaneista das minhas proposições.

Mr. Clegg & his
to chapel. Fine music! &
two are from the

[Handwritten signature]